

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS  
PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I – ECEF

ANA PAULA DA SILVA DE ASSIS

UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DESENVOLVIDA COM ALUNOS DO  
2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DA  
OBSERVAÇÃO DE UM TERRÁRIO

Belo Horizonte

2015

ANA PAULA DA SILVA DE ASSIS

UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DESENVOLVIDA COM ALUNOS DO  
2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DA  
OBSERVAÇÃO DE UM TERRÁRIO

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação em Ciências, pelo Curso de Especialização em Educação em Ciências para professor do Ensino Fundamental 1, da Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Professora Ms. Elaine Soares França

Belo Horizonte

2015

ANA PAULA DA SILVA DE ASSIS

UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DESENVOLVIDA COM ALUNOS DO  
2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DA  
OBSERVAÇÃO DE UM TERRÁRIO

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação em Ciências, pelo Curso de Especialização em Educação em Ciências para professor do Ensino Fundamental 1, da Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Professora Ms. Elaine Soares França

Aprovado em 20 de junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Elaine Soares França - Faculdade de Educação

---

Santer Alvares de Matos – CECIMIG – FAE - UFMG

## RESUMO

Neste estudo são apresentados o registro das vivências durante as aulas de Ciências e reflexões sobre a relação dos alunos com o terrário dentro de uma sequência didática numa turma de 2º ano do 1º ciclo do Ensino Fundamental. A mudança de comportamento dos alunos para aprenderem identificando evidências sobre o ciclo da água e sobre a importância da água, envolvendo o terrário, que foram muito importantes para pensar sobre o papel do professor e sua formação no ensino de Ciências. A participação, os questionamentos e a vontade de aprender foram peças fundamentais nas aulas que se seguiram após a montagem do terrário e durante todo o processo de observação.

Palavras-chave: Terrário, Ensino de Ciências.

## SUMÁRIO

1- Introdução	6
2- Metodologia	11
3- Conclusão	23
4- Referências	25
5- Anexos	26

# 1- INTRODUÇÃO

Ciências é uma disciplina muito rica e muito presente na vida dos seres humanos. Mas na escola, muitas vezes, para os alunos essa presença não está muito clara. Muitas vezes, não nos é possível relacioná-la com nosso cotidiano. O interesse pelo mundo que cerca o indivíduo, nem sempre aparece em sua trajetória escolar. Isso instiga minha curiosidade em saber o porquê dos alunos, muitas vezes, não demonstrarem interesse ou não participarem das aulas de Ciências e serem curiosos em outros espaços não escolares.

Observando minha vida foi possível perceber esse distanciamento entre escola e vida não escolar. Eu e meus irmãos brincávamos o dia todo e explorávamos vários ambientes, inclusive bairros pouco povoados e lugares com animais. Sempre aprendia muito com eles, em especial com meu irmão, pois conversávamos muito sobre vários assuntos.

Meu pai assistia a programas de televisão, que estavam relacionados ao mundo rural ou animais selvagens e também culturais (Ex: Globo Rural, Jacques Cousteau, Arrumação, Vida Selvagem etc.). Eu assistia com ele e até hoje gosto desse tipo de programa. Tudo isso despertava meu interesse e curiosidade. Porém, na escola, nas aulas de Ciências não era muito curiosa.

A Ciência sempre esteve presente na minha vida familiar, mas na escola me parecia algo sem graça e muito teórico. No pré-escolar não me recordo de nada sobre isso. Apenas que um sapo morto apareceu na escola e nenhum adulto fez alguma interferência para transformar aquele momento ocasional em aprendizado sistematizado.

De 1ª a 4ª séries, não me recordo de quase nada. Sei que estudei animais vertebrados e invertebrados. Mas não recordo a série exatamente. Tinha notas boas por volta de 80% a 85% de aproveitamento. Não perguntava, não questionava nas aulas e também não comentava sobre o que aprendia na escola em casa. Não havia interesse em aprofundar sobre os assuntos estudados com minha família ou em outras fontes.

De 5ª a 8ª, recordo-me muito dos professores e pouco das matérias. Sei que estudamos o corpo humano, reprodução, sistema solar, etc. Algumas vezes fomos ao laboratório e nessas aulas práticas também me lembro de pouco. Para ser mais exata só recordo que estive lá e não sei o que fiz além de observar o que existia lá. Um dia o professor da 8ª série disse para toda a turma:

--- “Eu sou biólogo e vou ensinar Química e Física este ano. Não sei muita coisa, vou só introduzir os assuntos. Isso é um absurdo”.

As aulas durante esse período (5ª a 8ª) resumiam-se a ler textos no livro didático e responder questionários no mesmo.

Sempre assisti a filmes americanos e ficava encantada com as Feiras de Ciências que apareciam com grandes produções científicas, os alunos participando de verdade e tudo muito fascinante. No magistério e na graduação não vi muita novidade para elaborar minhas aulas quando chegasse a hora. Só recordo sobre as aulas nas quais estudamos sobre células.

Quando fui lecionar Ciências no Ensino Fundamental, usei e abusei do livro didático. Cheguei na escola no final do 1º semestre e a base das aulas eram assim ou com folhas xerografadas. Até hoje isso continua. Essa mesma escola

tem um laboratório de Ciências muito bom, mas que virou depósito de livro didático, kit de material e até de uniforme. Nem a professora do 3º ciclo o usa mais.

As professoras do 1º ciclo combinam as atividades xerografadas ou as unidades do livro e assim trabalham o ano todo. Os alunos do 1º ano tem ótimos conceitos (notas) em Ciências, mesmo quando constatamos que não estão aprendendo nada sobre os assuntos, pois é só copiar o modelo que a professora dá. Alguns conteúdos trabalhados para a faixa etária de 6/7 anos são: Higiene pessoal, As partes das plantas, Germinação e A importância da água para a vida, dentre outros.

Iniciou-se uma pequena preocupação com o ensino de Ciências quando o Avalia BH (uma avaliação sistêmica realizada pela Prefeitura de Belo Horizonte) passou a ser também para Ciências, mas na prática a mudança foi zero. As aulas continuam as mesmas e a desculpa é que os alunos não se interessam por Ciências. Houve-se muito:

--- “Eles não estudam nem Português e Matemática, vão estudar Ciências”.

Todos esses fatores acima citados me levaram a esse estudo com o objetivo de observar a motivação dos alunos nas aulas de Ciências do Ensino Fundamental a partir da construção de um terrário e de sua observação.

Assim, o trabalho foi realizado em sala de aula. Num primeiro momento com uma sondagem do que os alunos sabiam sobre o ciclo da água, com perguntas e explicações orais e no quadro sobre o que haviam estudado com a professora de Ciências da turma.

Depois, fiz a proposição de construirmos um terrário em sala para observarmos e comprovarmos se realmente o ciclo da água acontecia da maneira como explicaram e também surgiu o questionamento sobre a importância da água para a manutenção da vida. Esse questionamento foi feito com o intuito de instigar os alunos a apontarem elementos que comprovassem isso com a observação do terrário.

A pesquisa bibliográfica realizada apontou o sujeito como um elemento importante para o processo de aprendizagem e mostrou que isso se deu com as influências da tendência da Escola Nova. O aluno passou a ser visto como sujeito do seu processo de aprendizagem, o aspecto pedagógico deixou de ser o foco e o processo passou a ser mais valorizado. Com isso, o ensino de Ciências começou a proporcionar aos alunos possibilidades de identificar problemas a partir de observações de fatos, levantar hipóteses, confrontá-las para formular os conceitos. E não mais recebê-los prontos e acabados. Surge assim na escola a possibilidade de questionar o mundo, vivenciando-o a partir de experiências feitas por todos e não apenas por cientistas. A ciência começa a ser universalizada a todos e reconheceu-se a importância da vivência científica não apenas para futuros cientistas, mas, principalmente para o cidadão comum (BRASIL, 2001).

A partir da década de 70, quando começou a ocorrer à democratização do acesso à educação pública no Brasil, o conhecimento científico se expandiu, mas de forma simplista, generalizado, tratando questões científicas como prontas e acabadas ou distantes da realidade do educando. E o ensino que era ministrado para uma minoria, geralmente das classes sociais mais favorecidas, passou a ser ministrado a todas as classes, com uma ciência para todos. Com

isso, o desafio de práticas pedagógicas diferentes para atender melhor a todos, buscando uma aprendizagem de maior qualidade, para atingir esses novos perfis de estudantes, fez-se necessária, e é uma demanda até os dias de hoje.

A razão disso é que não só o contingente estudantil aumentou, mas também porque a socialização, as formas de expressão, as crenças, os valores, as expectativas e a contextualização sócio familiar dos alunos são outros (Delizoicov *et al*,2009).

Cada vez mais o ensino de Ciências tem sido cobrado e na rede pública faz parte das avaliações sistêmicas. Sendo assim, surge a necessidade de interação entre o aluno e o objeto de estudo, dentro de uma prática pedagógica que possibilite a ação do educando sobre o objeto, para que de fato ele compreenda o que está sendo estudado.

Dessas interações surgem produções de conhecimentos que influenciam o ser que está interagindo e o mundo a sua volta. Segundo Vanin (2010 apud Peixoto, *et al* 2012, p 45) “ao interagir com o outro, não se está apenas expressando aquilo que se pensa mas ao mesmo tempo passa-se a influenciá-lo.” A interação traz mudanças na forma de ser do outro e em sua aprendizagem. Essas interações favorecem as relações estabelecidas na sala de aula a partir das proposições do professor que deve ser um mediador de todo o processo, garantindo que os educandos possam se expressar, experimentar novas situações e formular conceitos com suas vivências embasados na ciência construída.

Dessa forma, observar como as crianças estabelecem relações com a Ciência nas escolas no Ensino Fundamental, foi importante para a conclusão deste trabalho.

## 2- METODOLOGIA

Este estudo foi realizado em uma sala de aula da escola pública de Belo Horizonte no Ensino Fundamental com crianças nas idades de 7/8 anos, numa turma de 2º ano do 1º ciclo.

A escola situa-se no bairro Copacabana, tem mais de 20 anos de fundação e sua clientela são os moradores do próprio bairro e dos bairros vizinhos (Jardim Leblon, Santa Amélia e Céu Azul). Possui turmas do 1º ao 9º do Ensino Fundamental e de EJA, distribuídas em três turnos.

Nesta turma não leciono Ciências e sim Língua Portuguesa, Matemática e Artes, o que acarretou um compartilhamento da carga horária dessas matérias com o conteúdo de Ciências escolhido de forma interdisciplinar, ou seja, usando o conteúdo de Ciências, de Língua Portuguesa e Artes juntos.

Então, o trabalho foi iniciado com uma conversa sobre a falta de chuva em Belo Horizonte para introduzir o tema água. E foi feita uma sondagem sobre o que os alunos já sabiam sobre a água e qual a sua importância.

As falas dos alunos foram:

- Professora, precisamos da água para beber, lavar, limpar;
- Se desperdiçarmos a água ela vai acabar;
- Aqui (Belo Horizonte) está muito quente, porque não chove há muito tempo.

A conversa foi mediada até chegar ao ciclo da água e na sua importância para a vida. Um aluno conseguiu falar sobre o Ciclo da água com tranquilidade e domínio. Fizeram um registro no caderno sobre como se dá o ciclo da água.

Foi necessário introduzir na conversa os estados físicos da água neste ciclo, pois surgiram algumas dúvidas e curiosidades como por exemplo:

- Como a água vai parar no céu?
- Como ela sobe para as nuvens?
- O que são as nuvens? Como a água fica na nuvem?

A escolha da turma se deu pelo perfil das crianças, que se apresentam curiosas, interessadas e muito ativas nas aulas que exigem produções coletivas ou investigações sobre assuntos que surgem no cotidiano escolar, pela relação de proximidade e diálogo que tem com a professora referência, que é a professora que leciona o maior tempo diariamente na turma. E também devido ao histórico de aulas que estas crianças tiveram na disciplina de Ciências no ano anterior (1º ano). Sendo aulas que usavam apenas folhas xerografadas, nas quais os alunos precisavam marcar o que era dito pela professora, sem questionar ou comprovar qualquer fato explicado. Era mais cobrado o colorido que o conteúdo.

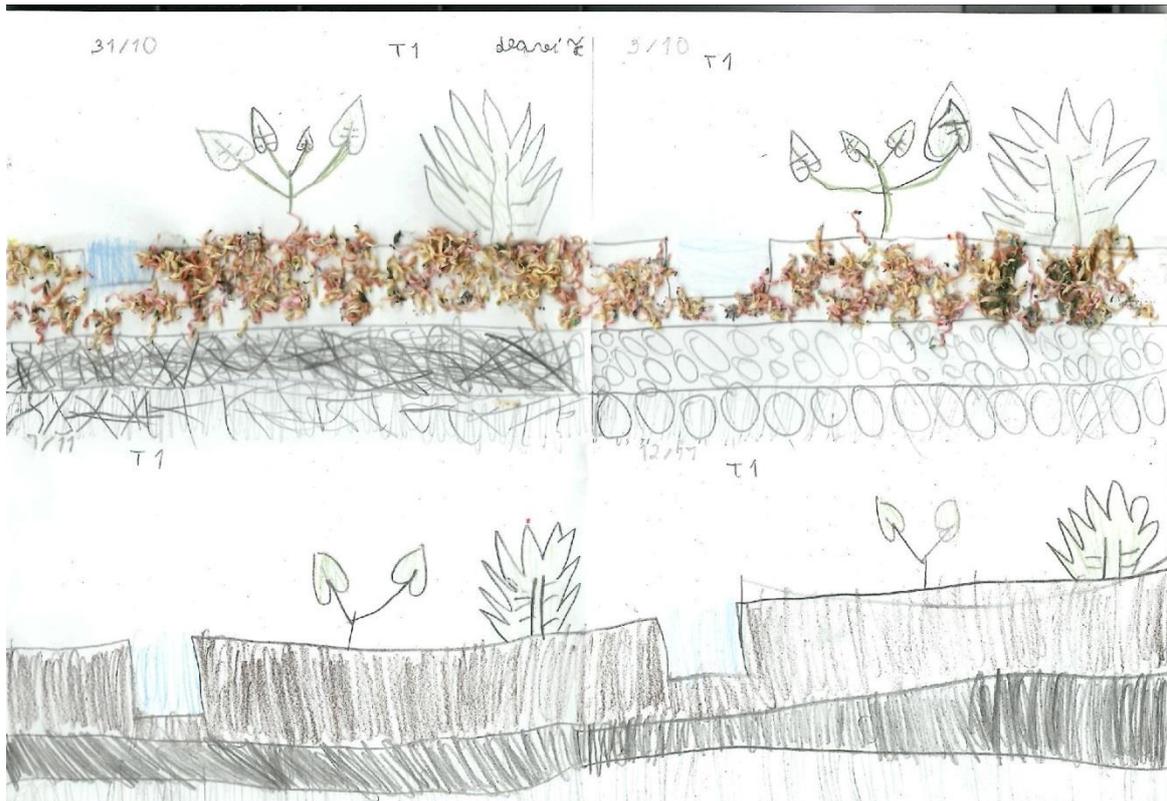
O terrário foi escolhido pela possibilidade de observação na mesma sala de aula que os alunos estudam e para integrá-lo a matéria que os alunos já haviam estudado com a professora de Ciências no trimestre anterior, que foi o Ciclo da água. Também para que as crianças pudessem observar diretamente a importância e a influência que a água tem em nossas vidas e ao mesmo tempo despertar nelas a curiosidade sobre fatos observáveis em Ciências, criando situações de interação diária e de seleção de evidências. A importância da água estava sendo questionada em sala por alguns alunos, através de perguntas ou comentários, e sua preservação, pois estávamos em um período de seca e falta de água em algumas cidades do Brasil.

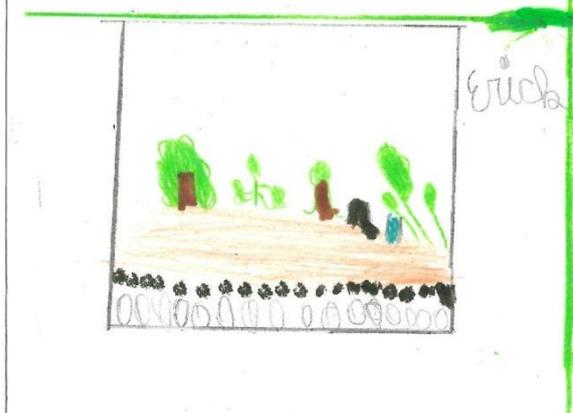
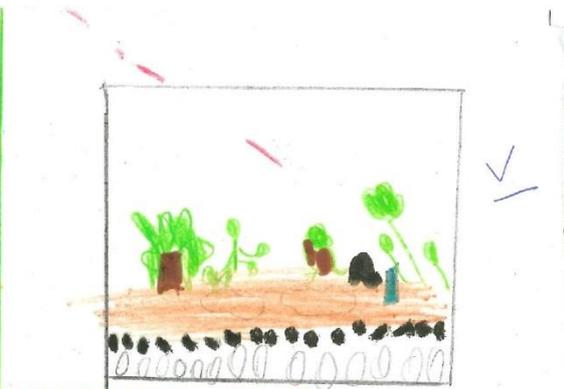
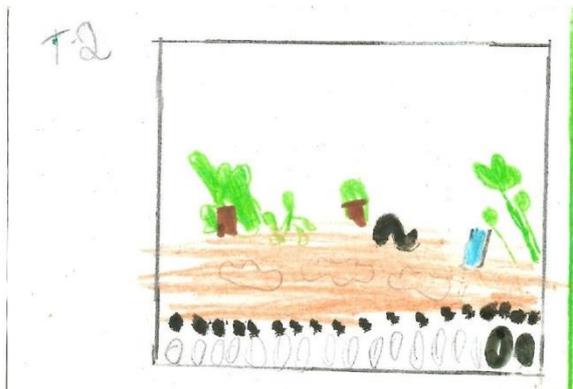
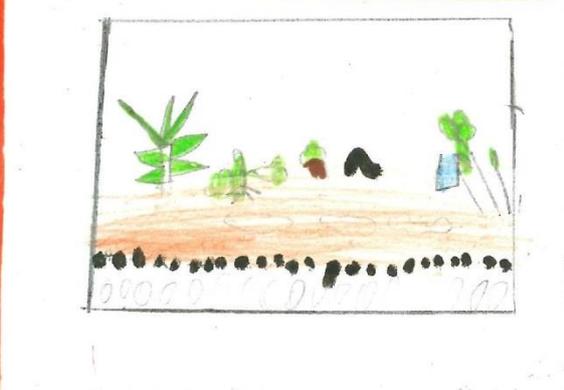
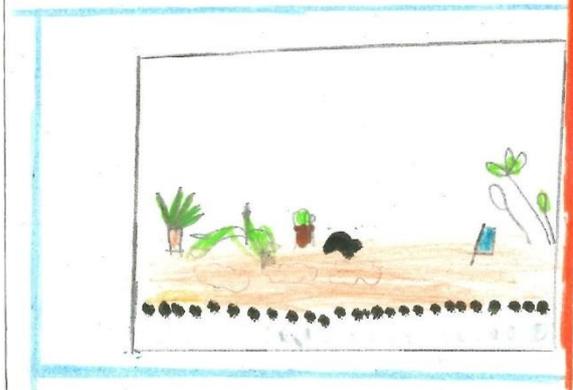
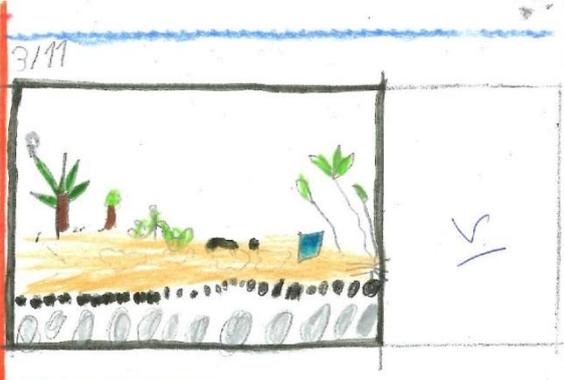
A montagem dos terrários se deu com um roteiro (Anexo I), no qual eram expostos os elementos que deveriam ser colocados no ambiente e suas funções.

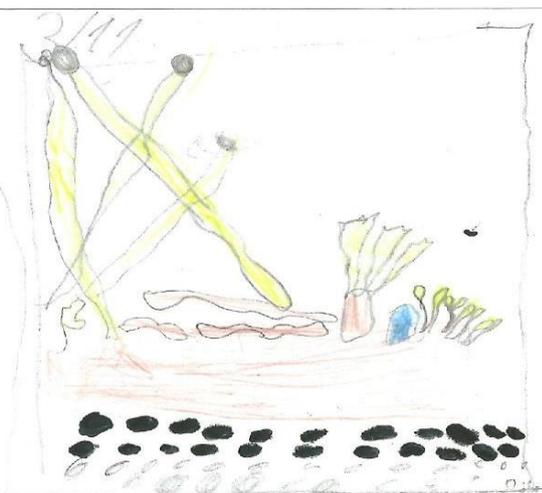
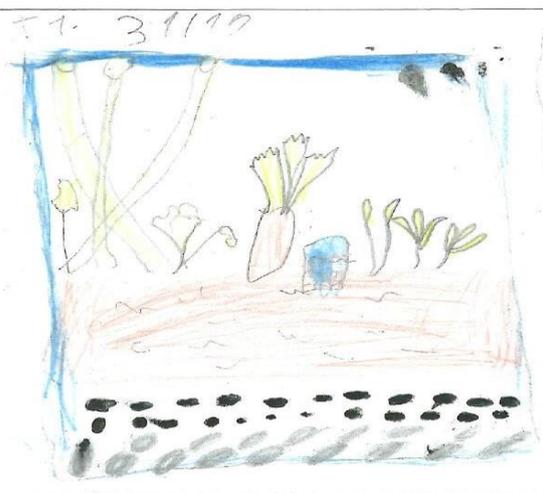
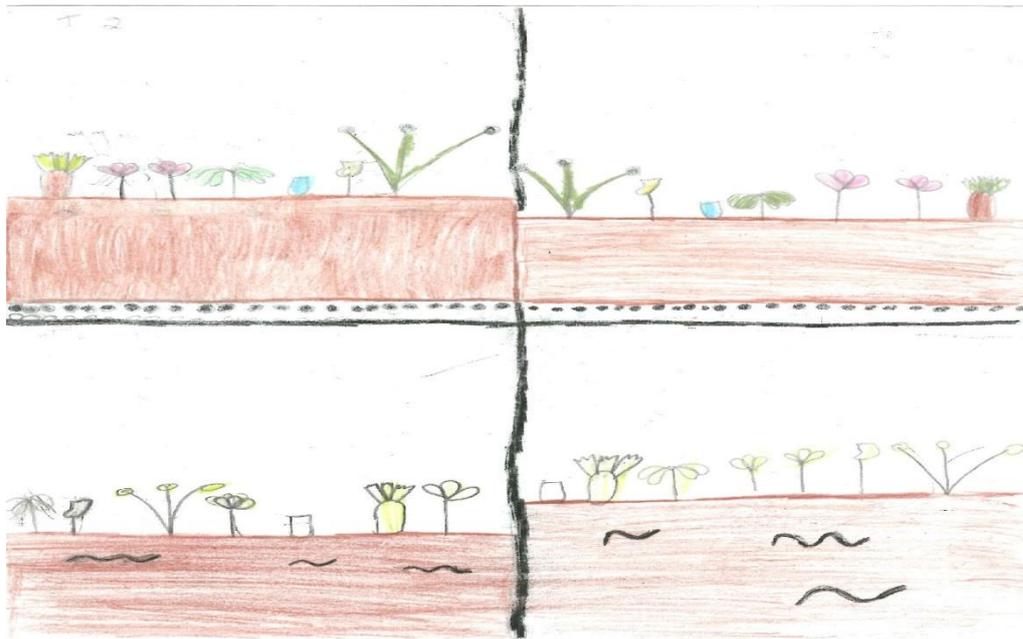
Para verificar a importância da água foi proposto pela professora da turma fazer dois terrários. Um conteria água e o outro não. Os outros elementos seriam comuns aos dois ambientes, como carvão ativado; brita; areia; terra vegetal; plantas e pequenos animais como: tatuzinhos de jardim, piolho de cobra e minhocas.



Após a montagem foi estabelecido o período de um mês para observá-lo e anotar, por parte da professora, as evidências apontadas pelos alunos diariamente. Também foram realizados 4 registros, através de desenhos pelos alunos para representar como se desenvolveram as plantas em cada terrário.







As crianças foram orientadas a observar os terrários e identificar as evidências em dois ambientes criados com elas, que conduzissem à importância da água para os seres vivos e no qual pudessem comprovar o ciclo da água.

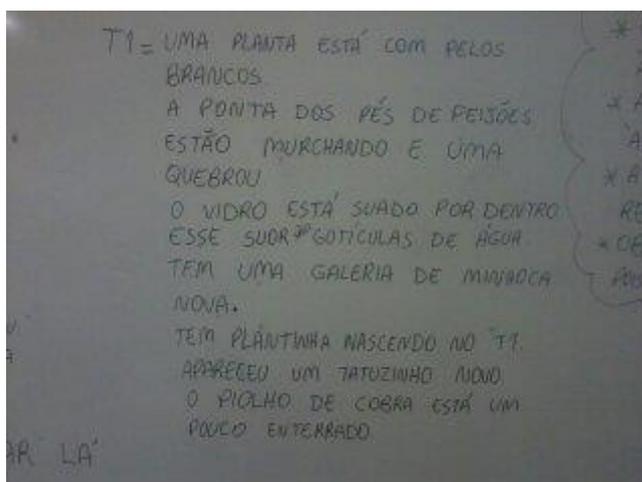


As falas, atitudes e os registros da turma foram de grande importância para perceber o interesse das crianças no terrário, mas o papel do professor como mediador e incentivador da busca pelo conhecimento foi fundamental para que os alunos continuassem observando o terrário e coletando novas evidências durante todo o período de observação.

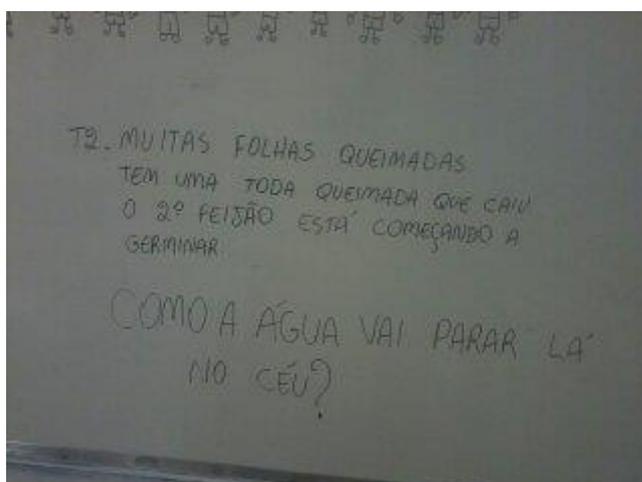
O local para colocá-los foi escolhido de acordo com o roteiro e ficou no laboratório de Ciência da escola. Mas o fato de estar em um local fechado e de acesso com horário marcado não favorecia a aprendizagem, pela estrutura que lá estava (muito apertado, com pouca visibilidade). Nos momentos de observação no laboratório, havia muita dispersão devido a falta de espaço para acomodar toda a turma. Alguns alunos precisavam ficar do lado de fora do laboratório enquanto os outros observavam. Então, foi necessário levar os

terrários para a sala de aula. Os alunos ficaram mais interessados, levantando das carteiras a todo o momento só para darem uma olhadinha nos terrários. Foi difícil dar outras matérias neste dia.

No 1º dia os dois ambientes foram observados e os alunos que quiseram falar em voz alta como estavam seus aspectos falaram, para que a professora anotasse. Quando os terrários foram colocados na sala de aula, as observações eram feitas no 1º horário da aula, mas sempre que um aluno passava por perto e observava algo ainda não pontuado, ele expunha verbalmente sua observação.

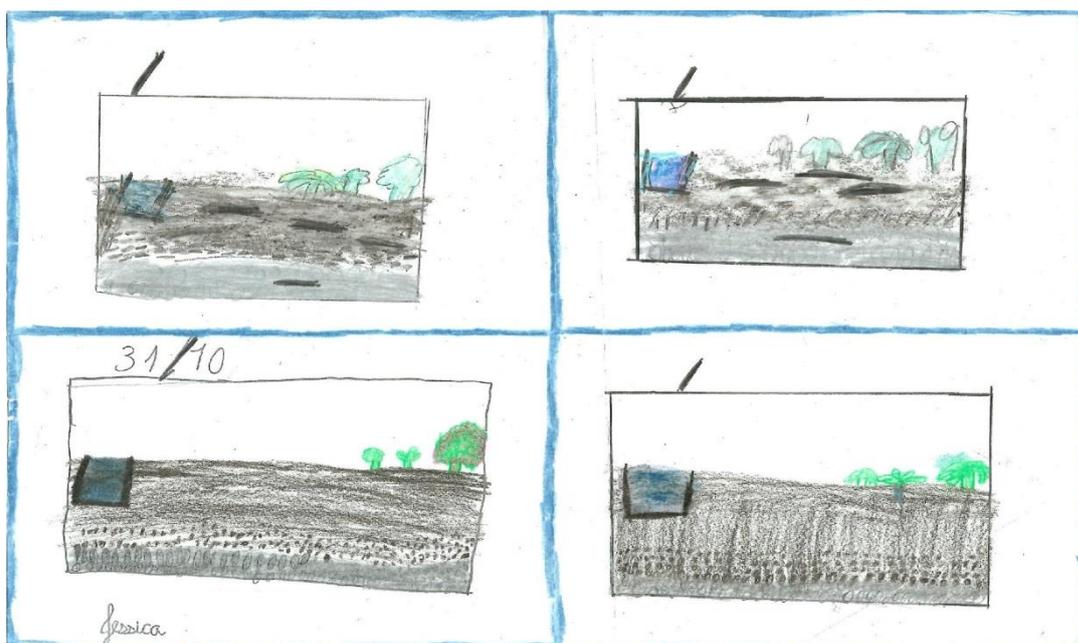
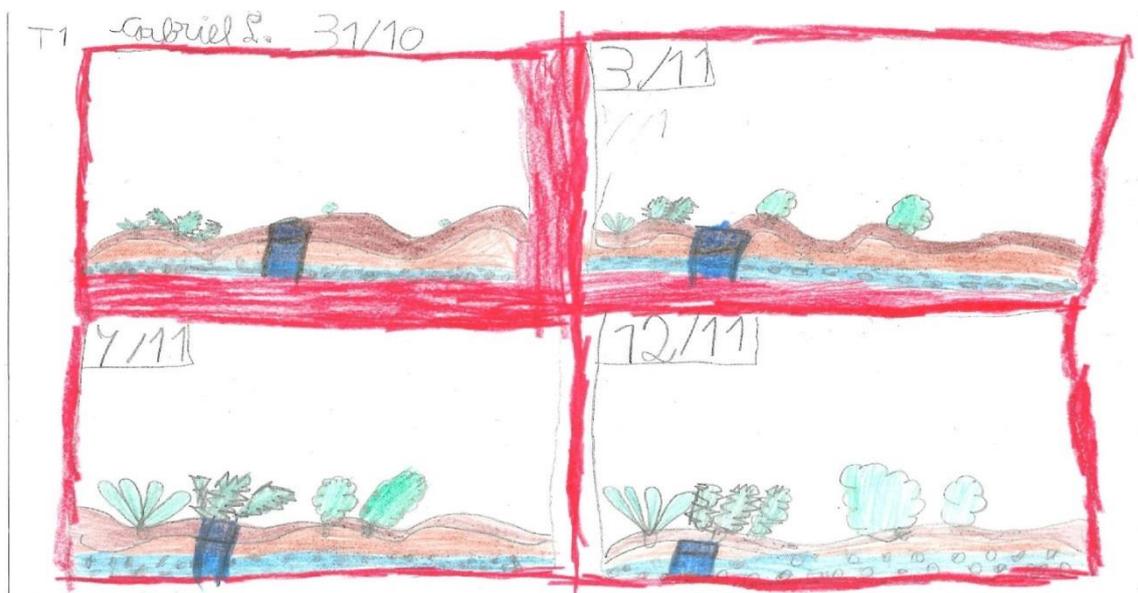


T1 = UMA PLANTA ESTÁ COM PELOS  
BRANCOS.  
A PONTA DOS PÉS DE FEIJOES  
ESTÃO MURCHANDO E UMA  
QUEBROU  
O VIDRO ESTÁ SUADO POR DENTRO  
ESSE SUOR<sup>o</sup> GOTÍCULAS DE ÁGUA  
TEM UMA GALERIA DE MINADCA  
NOVA.  
TEM PLANTINHA NASCENDO NO T1.  
APARECEU UM TATUZHINHO NOVO.  
O PICHHO DE COBRA ESTÁ UM  
POUCO ENTERRADO.



T2. MUITAS FOLHAS QUEIMADAS  
TEM UMA TODA QUEIMADA QUE CAIU  
O 2º FEIJOÃO ESTÁ COMEÇANDO A  
GERMINAR.  
COMO A ÁGUA VAI PARAR LA  
NO CÉU?

Ao final do período de aula do dia, eram retomadas as observações e eram feitos mais registros escritos pela professora, das observações dos alunos, caso não tivessem sido contempladas antes. Foi feito um registro com desenhos inicialmente de como estava o ambiente dentro do terrário. Isso se deu para que ao longo do período observado e ao final do mesmo a turma pudesse conversar sobre as mudanças que ocorreram nos ambientes. E a partir desse dia começaram as observações diariamente.



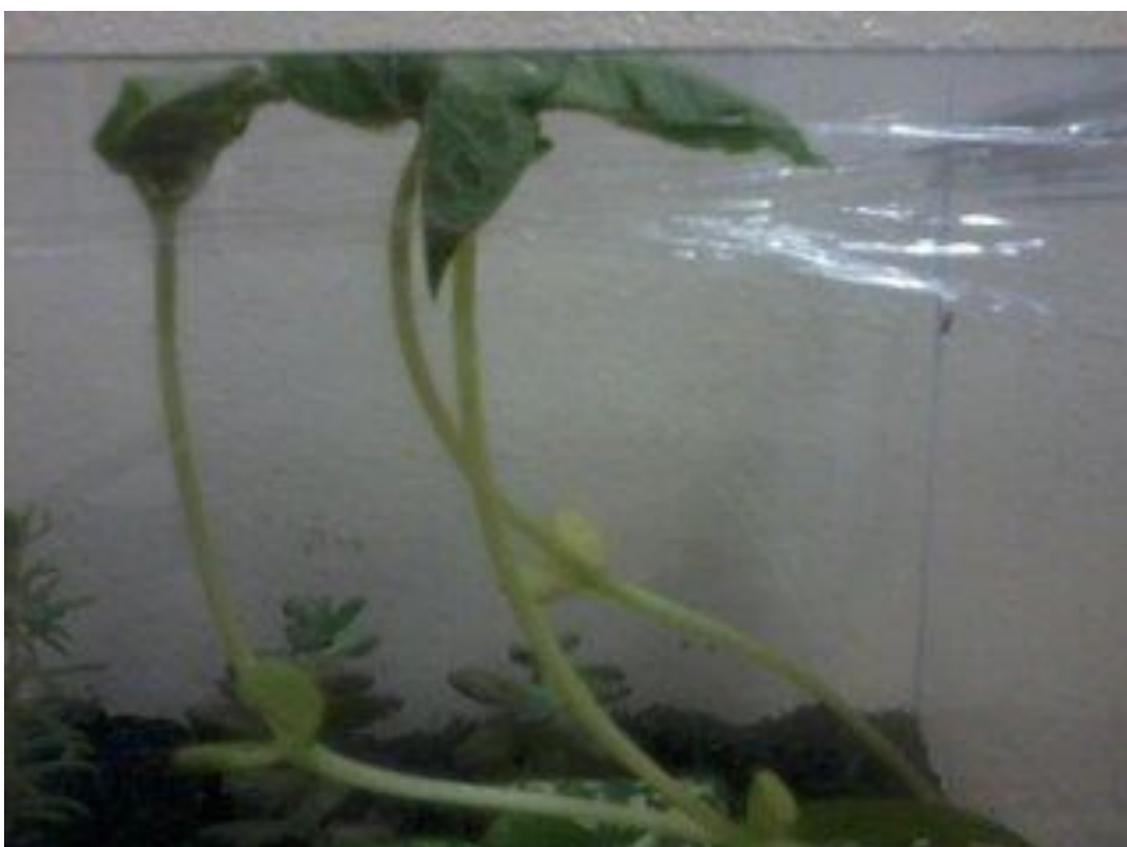
Após cada aula, foi realizado um registro escrito, buscando selecionar elementos que apontassem a relação dos alunos com o objeto de aprendizagem (no caso o terrário) e seus interesses com o conteúdo estudado. Foram destacadas situações e feito apontamento sobre a metodologia usada nas aulas e o papel do professor no ensino. Peixoto (*et al*, 2012, p 45) aborda que

“o ensino vai muito além de um conjunto de leis e regras...Seu papel é determinante ao orientar este processo constante de elaboração e reelaboração, inserida em um contexto histórico e cultural peculiar a condição humana.”

É possível constatar a importância do ensino para conduzir os alunos no processo educativo e de interação com o objeto de aprendizagem direcionando-os a produção de conhecimento.

Nos primeiros dias, a euforia era imensa ao chegar à sala de aula. Era só entrar que eles corriam para perto dos terrários, de forma desorganizada e, muitas vezes, convidavam os familiares para verem também, no final do horário de aula ou no início do mesmo. Queriam falar, perguntar sobre tudo e não conseguiam relatar as evidências sem que fossem direcionados durante a observação. Mas com as mediações em forma de perguntas que levavam os alunos a pensarem sobre as evidências e com o registro escrito em um caderno das mesmas que eles iam percebendo, registro esse feito pela professora, eles começaram a se organizar e identificar a importância da água, pois em um dos terrários o desenvolvimento das plantas foi maior que no outro. As sementes germinaram apenas em um terrário e o ciclo da água foi nitidamente observável no terrário que havia a água no copinho, pois havia

gotículas de água em cima das plantas e no plástico que estava tampando o terrário e na lateral dos vidros.



Durante as aulas os alunos eram estimulados a falarem sobre tudo que observavam e tentarem explicar algumas situações que surgiam nos dois ambientes, comparando um com o outro. A cada novo fato, eles relatavam em voz alta. E mesmo após o momento de registro escrito, que era feito pela professora, das observações realizadas, eles continuavam a ver e falar do terrário em momentos diferentes.

- A minhoca está indo para a brita;
- O piolho de cobra mexeu;
- Tem água no milho que germinou;
- Será que essa planta vai viver?

E decidiram computar os dias de resistência do terrário sem água.

O registro através de desenho permeou a aula de Artes e as anotações foram realizadas nas aulas de Língua Portuguesa.

Eles perguntam, questionam, desafiam uns aos outros e propõem novas abordagens para verificarem através do terrário.

### 3- CONCLUSÃO

Na abordagem do processo educativo não se pode deixar de refletir e investigar sobre a prática docente, a formação dos professores, os fazeres e saberes da escola, o currículo, conhecimento acadêmico, mas, principalmente, sobre a aprendizagem dos alunos.

A prática docente é um ponto chave para o processo ensino-aprendizagem e devem levar em conta as interações sujeito-objeto, sujeito-sujeito e as produções de conhecimento.

A reflexão permanece sobre a ação educacional enquanto sujeito do ensino, que leva a processos mentais e cognitivos apurados, em uma perspectiva dinâmica e retroalimentada, se configura essencial (PEIXOTO *et al*, 2012, p 45).

E mais, Peixoto (et al, 2012) apresenta uma visão sobre o levantamento de informações sobre construção interna de significados e suas influências, que podem variar de acordo com subjetividade e interatividade. Sobre a abordagem das interações entre pessoas e o que resulta disso. A aprendizagem acontece de acordo com as interações e o que é dito e o que é entendido, nem sempre são iguais.

O ser humano é, portanto, diferenciado no que tange a capacidade única de criar uma interface singular com o outro. Tal interação o permite a faculdade de, através da percepção e intercâmbio, organizar condições únicas de compreensão e que levam a sua "interface" a se reconfigurar constantemente. Estabelece-se assim um sistema de testes e aperfeiçoamento retroalimentado. (PEIXOTO *et al*, 2012, p 45).

O ensino é mais que simples regras organizadas. A relação do ser humano e sua interação com os conteúdos se dá de forma peculiar, pois há variações de acordo com as vivências de cada ser humano, que elaboram e reelaboram seus processos mentais de acordo com suas condições.

A sequência didática utilizada nas aulas oportunizou aos alunos observar em sala as evidências sobre o ciclo da água, comprovando-as e refutando-as sempre que possível.

O papel do professor também foi enfatizado e este é essencial para que ocorra a aprendizagem. A ação educacional é que favorece a elaboração dos processos mentais e o desenvolvimento cognitivo.

Assim, a interação dos alunos com a ciência vai depender de vários fatores, inclusive das aulas.

Interagir, compartilhar com os familiares poder falar sobre o que está próximo a eles tem sido instigante para cada dia continuar com o estudo do terrário. É o primeiro espaço da sala a ser visitado e até crianças de outras salas querem conhecer. Mas o que é mais significativo é o fato de que as crianças se organizam para observar e querem que sejam feitas as anotações todos os dias. Comparam com outros dias, observando os desenhos e comentando as observações e pesquisam quando não sabem algo, perguntando em casa ou na escola.

#### 4- REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais*, v.4, Brasília: MEC/SEF, 2001.

CORSARO, William A. *Reprodução interpretativa e cultura de pares em crianças*. Indiana University, Blooming, 2005.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José A; PERNAMBUCO, Marta M. *Ensino de Ciências: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2009.

FERREIRA JUNIOR, Milton B. *Capacitando e acompanhando pedagogos em aulas de ciências*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 6, 2007, Florianópolis, Anais. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2008. 1 CD-ROM.

PEIXOTO; Marco Aurélio N; BARBOSA, Irecê; MAIA, Dayse P. *Reflexões sobre o método nas ciências e o ensino de ciências*. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 10, n.1, p. 41-48, 2012.

PEREIRA, Talita V. *Discursos que produzem sentidos sobre o ensino de ciências nos anos iniciais de escolaridade*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.27, n. 02, p. 151-176, agosto de 2011.

Revista Nova Escola (número 187, Nov/Dez) traz “Um terrário para observar o ciclo da água”, com dicas e fotos que ajudam a montar e a utilizá-lo.  
Disponível em: [http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/165\\_set03/html/faca](http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/165_set03/html/faca).

## 5- ANEXOS

### ANEXO I

#### Como montar um terrário?

##### Material:

- Recipiente para montar o terrário (aquário vazio, vidro ou garrafa PET);
- Pedrinhas ou argila expandida;
- Carvão ativado (utilizado para absorver componentes orgânicos, evita o mal cheiro, proliferação de fungos etc);
- Solo para jardim (comprado) ou mistura de solos trazidos pelos alunos;
- Mudas de plantas ou sementes;

##### Montagem:

O terrário poderá ser montado em um aquário com tampa ou outro recipiente como um vidro de conserva ou uma garrafa PET. Pode ser pequeno ou grande, de acordo com o material disponível.

A montagem do terrário começa pela limpeza do recipiente, que deve ser limpo e seco. No fundo do recipiente colocam-se as pedrinhas (ou argila expandida), formando uma camada para drenagem da água. Imediatamente acima, se possível, uma fina camada de carvão ativado é colocada para evitar o crescimento de fungos na água, o apodrecimento das raízes e a formação de gases. Finalizando, coloca-se uma camada de terra, até completar cerca de 1/4da altura do vidro.

Preparado o "terreno" é hora de escolher as plantas adequadas para esta atividade. São mais indicadas as plantas que crescem pouco, como por exemplo: peperômia, musgos, pequenas samambaias, begônias e até mesmo pequenos antúrios. É importante lembrar que nessa escolha deve-se levar em conta o tamanho do recipiente utilizado.

Para melhor simular uma paisagem natural, podemos acrescentar ao terrário alguns elementos facilmente encontrados, como galhos, pedras e folhas secas. Podemos também simular um lago, adicionando ao terrário um potinho com água. A presença de pequenos animais como tatuzinhos de jardim e caramujos, auxiliaria na introdução de outros assuntos como: locomoção, alimentação, reprodução, comportamento de animais da mesma espécie e de espécies diferentes, comportamento diante das características do ambiente, entre outros podem ser observados e comparados pelos alunos. Após colocar as plantas e os animais é necessário borrifar água com cuidado dentro do vidro e fechar o terrário com a tampa ou com um plástico preso com um elástico.

O terrário deve ficar num local iluminado, mas sem receber sol diretamente. O excesso de exposição à luz solar transforma-o numa estufa.

## Registro

Cada grupo deve fazer um registro inicial com a data da montagem e os componentes do terrário. O registro poderá ser realizado diariamente ou semanalmente através de desenhos, tabelas, redações etc.